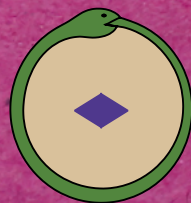
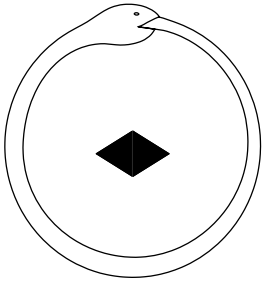


CIDADES COMESTÍVEIS
Alice Worcman



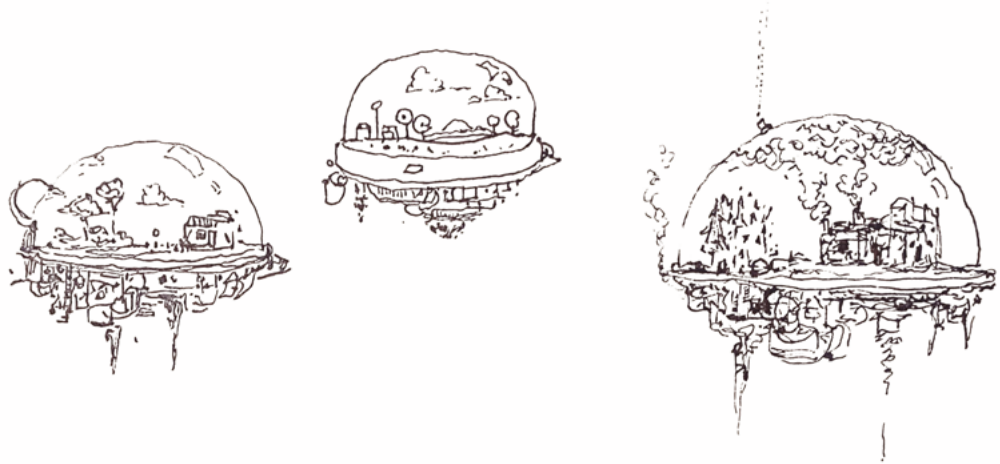
cadernos
SELVAGEM



CIDADES COMESTÍVEIS

Alice Worcman

Este caderno foi elaborado por Alice Worcman para aprofundar sua fala durante o encontro [Plantas que alimentam e regeneram cidades](#), no âmbito do ciclo Regenerantes de Gaia, em junho de 2022. As ilustrações que acompanham o texto são de Daniel Gabrielli.



Sabe, eu queria ter o poder aqui de fazer o que basicamente todas as falas do Selvagem fazem em mim, uma espécie de alimento com vislumbre da possibilidade de que existam outros lugares para onde podemos caminhar que não o de exaurir as condições à vida humana no planeta.

Lembro que na primeira vez que participei do Selvagem, em 2018, escutei do Fabio Scarano, Ailton Krenak e do Gustavo Porto de Mello que os ambientes naturais que eles haviam conhecido quando mais novos não existiam mais. E eu revivo a angústia de vislumbrar isso também pro meu futuro quase que diariamente. Diferente das gerações que vieram antes, eu já cresci sabendo que habitamos um planeta com “recursos” finitos e que já existiam áreas completamente degradadas pela ação humana, regiões poluídas, águas impróprias para vida, etc.

Ultimamente tem sido bem difícil pra mim alcançar esse lugar de vislumbrar uma mudança de curso, pois toda a degradação das condições que suportam a vida humana no planeta parecem muito bem projetadas e articuladas para garantir cada vez mais o propósito da escassez e degeneração de ecossistemas.

O desconforto em habitar o lugar de não ter as respostas. E buscar fazer o exercício de compartilhar as perguntas.

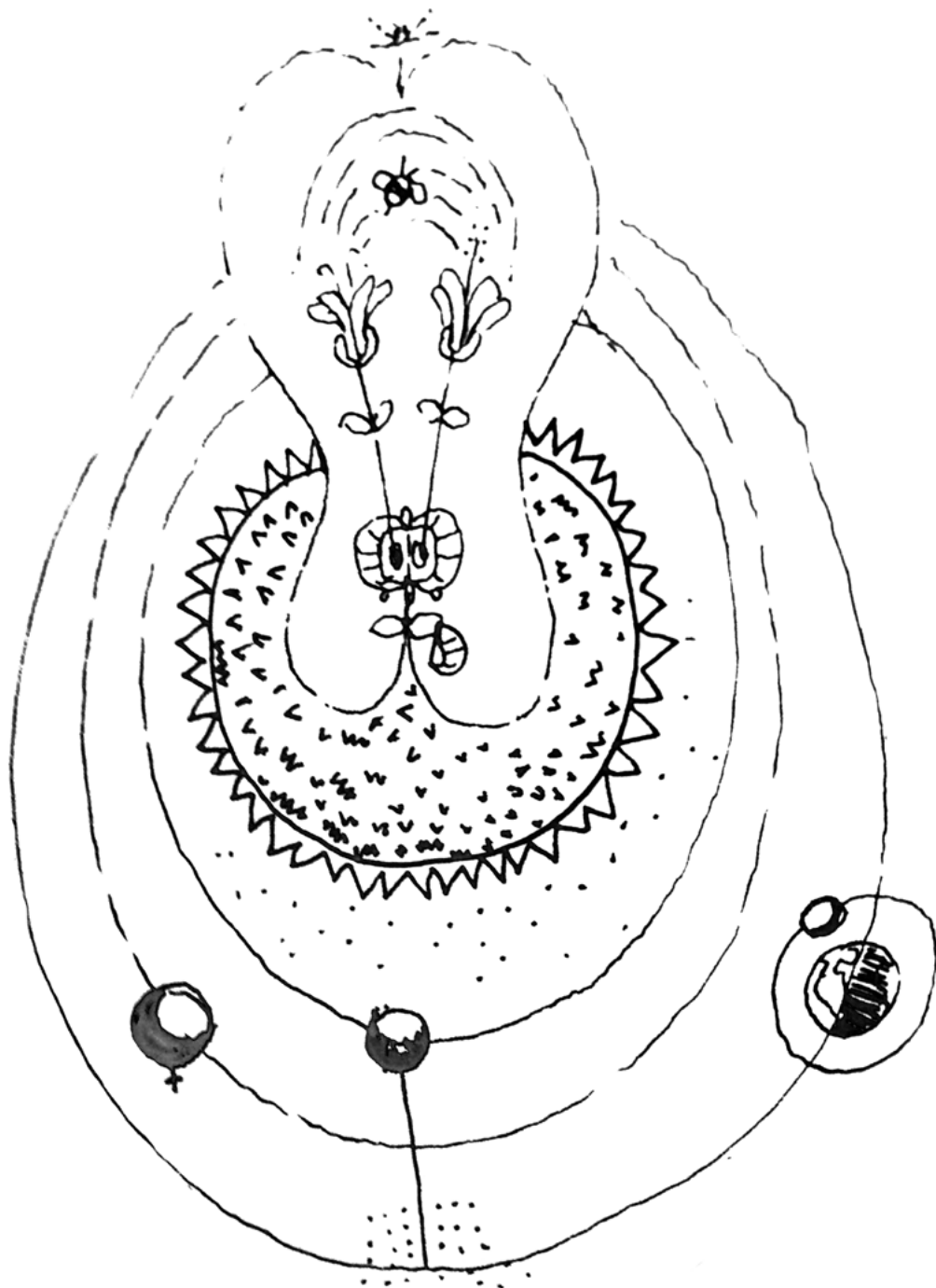
Elaborar essas perguntas me parece tão mais difícil do que responder elas.

Hoje em dia, não é novidade pra ninguém que todas as grandes cidades se sustentam na escassez e concentração dos poucos recursos que habitam os ambientes urbanos. A grande maioria da comida que consumimos nesses ambientes precisa de mais energia para ser produzida e chegar ao seu local de destino do que oferece energia ao ser consumida.

Onde está a lógica quando o agronegócio brasileiro comemora safras recordes de produção de grãos ao mesmo tempo em que o país retorna ao mapa da fome, com 33 milhões de pessoas vivendo essa realidade?

A quem interessa continuar sustentando realidades que permitam que um ultraprocessado seja mais barato e mais facilmente encontrado para o consumo do que alimentos naturais ou minimamente processados? Vamos realmente continuar permitindo que as pessoas mais pobres adoçam de comida no Brasil, o país da maior biodiversidade do planeta?

“Em geral, os sistemas ocidentais de saber são considerados universais. No entanto, o sistema dominante também é um sistema local, com sua base social em determinada cultura, classe e gênero. Não é universal em sentido epistemológico. É apenas a versão globalizada de uma tradição local extremamente provinciana. Nascidos de uma cultura dominadora e colonizadora, os sistemas modernos de saber são, eles próprios, colonizadores.”



Ao mesmo tempo que a própria existência humana é consequência de um caminho inverso a esse, somos o resultado de um processo gradativo de complexificação da vida em níveis de cada vez mais diversidade. A espécie humana, enquanto mamíferos de grande porte, é co-dependente de ambientes que complexificam a vida, como acontece com o organismo floresta. Todas as plantas que sustentam a base da nossa cadeia alimentar são espécies que habitam esses ambientes e participam das suas dinâmicas naturais.

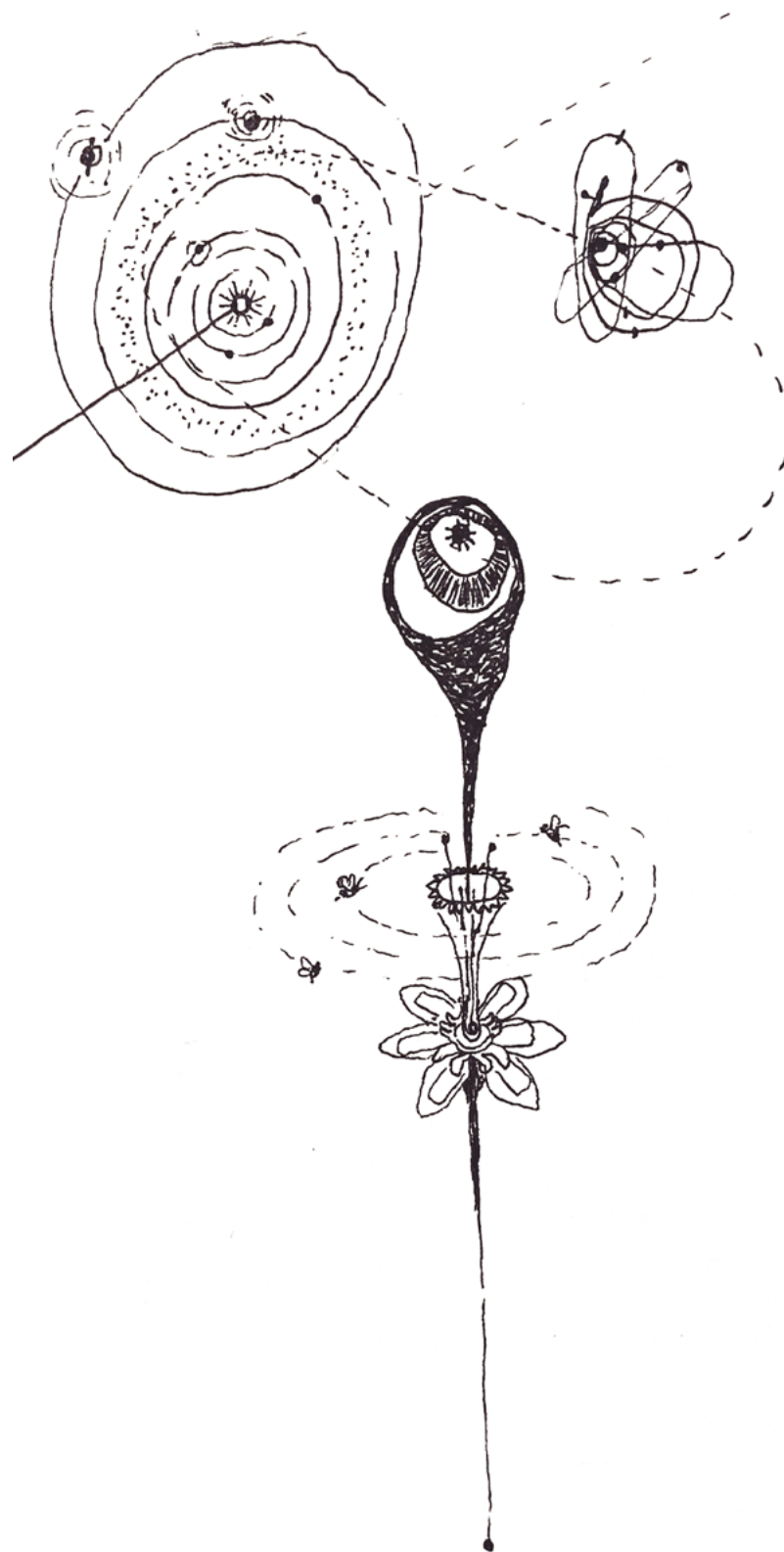
A sucessão natural (ou ecológica) das espécies é uma das dinâmicas naturais que o planeta encontrou para cuidar desses organismos. Naturalmente a vida se complexifica e aumenta em diversidade no tempo, e ela o faz, do mais simples para o mais complexo.

A domesticação das espécies vegetais que comemos hoje em dia só se tornou possível graças aos ambientes complexos que existem nos organismos florestais. Sem a fertilidade de um solo do organismo florestal, não conseguimos cultivar nossos grãos, frutas, hortaliças, raízes, etc.

De forma bem rápida, precisamos considerar que foi essa abundância de solo fértil, águas limpas e condições boas para a produção de alimentos de forma geral que possibilitou à organização humana se estabelecer no que hoje conhecemos pelas principais cidades do mundo. Foram os organismos florestais que permitiram o desenvolvimento das cidades.

Toda grande cidade no planeta foi construída em cima da abundância que esses organismos geram. E por muito tempo, nós enquanto *Homo sapiens* fizemos parte desse organismo. A sociobiodiversidade amazônica é a maior comprovação empírica que ainda temos desse processo, e hoje em dia podemos acessá-la graças a dificuldade de acesso dos grandes maquinários nessas regiões somado à incansável luta de resistência pela existência das populações nativas desses locais.

Qual é o nível de alienação necessária para conseguirmos sobreviver cada vez mais afastados desses organismos florestais? Para o que a gente não está olhando quando estabelecemos cidades sem considerar os organismos necessários que sustentam elas? Como pode então, com o desenvolver das áreas urbanas, estarmos cada vez mais afastando esses organismos florestais da gente?



No contexto urbano parece que alongamos propositalmente até perder de vista a cadeia produtiva dos nossos alimentos e objetos. Ao mesmo tempo que basta uma rachadura no concreto para que o organismo florestal mande uma mensagem de lembrança: a sucessão vegetal da vida acontece.

Nas áreas mais degradadas, brotam os seres clorofilados especialistas em buscar recursos nas condições extremas da vida. As gramíneas aparecem de forma simples para complexificar esses ambientes. Suas raízes se aprofundam na busca por água e nutrientes, de forma resumida, a sua existência naquele local garante as condições necessárias para uma forma vegetal mais complexa se estabelecer ali com o tempo.

Tem vezes que as mensagens já chegam em níveis de maior complexidade, como é o caso das espontâneas alimentícias. Uma beldroega ou cariru brotando naquela mínima fresta de asfalto já indica que ali há mais fertilidade se comparada a um local onde só nasciam gramíneas.

Aprender com a linguagem do planeta seria então parar de tentar reconstruir o organismo florestal a partir da soma dos elementos químicos que o constituem. Disponibilizar nutrientes separadamente no solo não é a mesma coisa que estruturar um solo vivo. Tentar plantar soja em ambientes monoculturais nutridos por fertilizantes minerais não é um sucesso, mas sim um erro, do ponto de vista que gera mais gastos do que fornece em energia. Reproduzir as condições de complexidade de um ambiente que uma espécie como a soja necessita, não só é mais eficiente, como segue a lógica da vida no planeta.

Querer reconstruir todo um ambiente a partir da soma de suas partes, como se isso fosse possível, gera um gasto energético basicamente impossível de suprir. Enquanto plantamos monoculturas de soja, ou outras espécies, com cada vez mais adubos, sejam orgânicos ou químicos, lutamos contra espécies muitas vezes alimentícias que classificamos como invasoras pela abundância com que se propagam nos ambientes afetados pela ação humana.

“Cavalos e humanos continuam sendo organismos separados, assim como plantas e fungos, mas ambos são vestígios de uma antiga tendência dos organismos de se associar. As antropólogas [Natasha Myers](#) e Carla Hustak argumentam que a palavra ‘evolução’, que literalmente significa ‘rolar para fora’, não apreende a disposição dos organismos para se envolverem uns nas vidas dos outros. Myers e Hustak sugerem que a palavra ‘involução’ — derivada da palavra ‘envolver’ — descreve melhor essa tendência: ‘rolar, enrolar, virar para dentro’. Na opinião das antropólogas, o conceito de involução apreende melhor o intrincado movimento de puxa-empurra de ‘organismos que estão sempre inventando novas maneiras de viver uns com os outros’. Foi a tendência de se envolver na vida dos outros que permitiu às plantas tomar emprestado um sistema como o de raízes por 50 milhões de anos, enquanto desenvolviam o seu próprio. Hoje, mesmo com raízes, quase todas as plantas ainda dependem de fungos micorrízicos. Sua tendência involutiva permitiu aos fungos pegar uma alga fotossintetizante emprestada para lidar com seus assuntos atmosféricos. Eles ainda o fazem. Os fungos micorrízicos não estão incorporados às sementes das plantas. Plantas e fungos devem formar e reformar constantemente o relacionamento. A involução é contínua e extravasante: associando-se uns aos outros, todos os participantes extrapolam e ultrapassam seus limites prévios.”

MERLIN SHELDRAKE – A TRAMA DA VIDA

Não existe regeneração que separe o indivíduo do coletivo ou de suas relações sistêmicas. A regeneração só acontece quando habita essas três esferas simultaneamente.

Cada espécie vegetal só nasce onde há condições propícias para a sua existência, logo, qualquer classificação artificial precisa ser interpretada a partir de uma linguagem humana que tem um juízo de valor utilitarista. O que não reduz de forma alguma a sua importância, mas para ela ser mantida enquanto importante, seria benéfico que fosse considerada apenas mais uma das traduções possíveis – e não a única.

Como sabemos, a forma hegemônica com que se deu a globalização extinguiu diversas culturas alimentares, e junto, muito do conhecimento sobre as espécies alimentícias que já utilizamos ao longo da nossa história. Mas graças à resistência de diversas populações que cuidaram desses saberes e espécies, podemos acessar o lugar de reconhecer essas plantas e reintroduzi-las na nossa vida.

Por serem plantas que sempre acompanharam a humanidade ao longo do tempo, em sua maioria, são espécies que ocorrem em áreas antropizadas, ou seja, locais afetados pela ação humana. E muitas dessas plantas têm usos alimentícios.

“89% das espécies consideradas daninhas ou infestantes agressivas mais comuns no mundo todo são comestíveis ou possuem alguma parte comestível.”

GUILHERME RANIERI - MATOS DE COMER

O que poderia gerar ou incrementar as rendas dos espaços urbanos com a introdução da biodiversidade alimentar na alimentação urbana, além de toda uma cadeia local de produção que se insere nas dinâmicas naturais do seu ambiente de contexto, regenerando os espaços degradados manejando junto com a sucessão natural enquanto se produz comida.

“Em comparação, em torno de 6 a 10% das plantas silvestres são comestíveis. É mais fácil encontrar uma planta comestível em um terreno baldio do que em uma floresta.”

GUILHERME RANIERI - MATOS DE COMER

Afastamos o organismo floresta que propiciou nossa existência nos centros urbanos para cada vez mais longe da gente, aumentando assim a extensão da cadeia produtiva daquilo que precisamos para viver. Cada vez mais longe, cada vez mais custoso de fazer chegar, de trazer pra perto. Me parece que o caminho está para desfazer a distância na lógica linear que existe em uma cadeia de produção.

E se a gente transformasse as cadeias produtivas lineares em serpentes comendo a si mesmas?

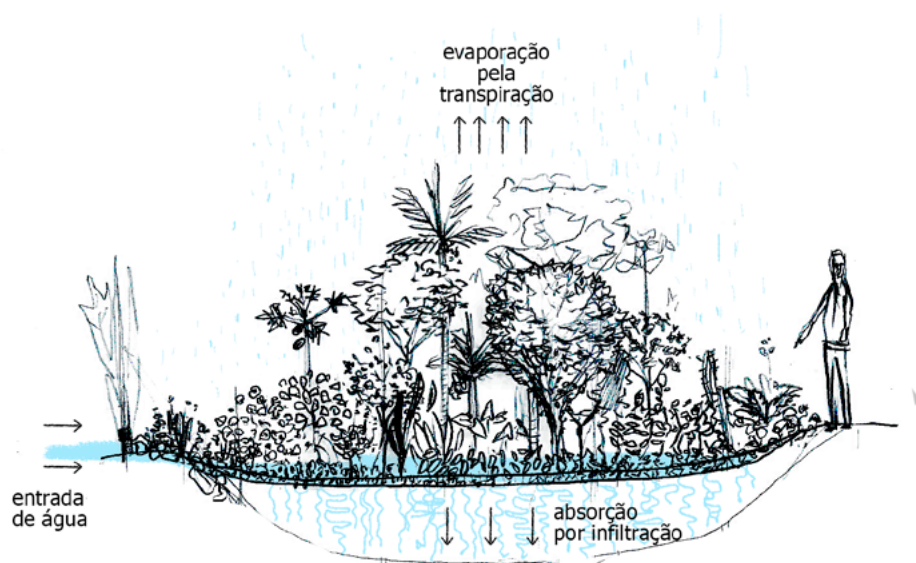
Na vida, não existe forma sem função. Quais as funções humanas a partir da complexa forma que somos?



Será que as cidades poderiam funcionar como as hifas miceliais buscando seus recursos de forma mais eficiente?

“A coordenação micelial é difícil de entender porque não existe um centro de controle. Se cortarmos nossa cabeça ou pararmos nosso coração, teremos chegado ao fim. Uma rede micelial não tem cabeça nem cérebro. Os fungos, como as plantas, são organismos descentralizados. Não há centro operacional, nem capital, nem sede do governo. O controle é disperso: a coordenação micelial ocorre em todos os lugares ao mesmo tempo e em nenhum lugar específico. Um fragmento de micélio pode regenerar uma rede inteira, o que significa que um único indivíduo — se tivermos coragem de usar essa palavra — é potencialmente imortal.”

MERLIN SHELDRAKE - A TRAMA DA VIDA



Renaturalizar as cidades, produzindo comida enquanto se regenera os ambientes, é uma questão de utopia ou sobrevivência? Me parece que a regeneração é o caminho natural da vida no planeta. Resta a nós saber e fazer com que a humanidade faça parte desse processo – ou não.



Idealizadora e sócio-fundadora da [Organicidade](#), uma empresa que atua em rede para regenerar ambientes conectando ecossistemas com o cultivo da biodiversidade alimentícia PANC (Plantas Alimentícias Não Convencionais) na prática da agricultura urbana. Especialista e pesquisadora autodidata da biodiversidade alimentícia, tem especializações com Ernst Gotsch, Valdely Kinupp, Vera Fróes, Nat Muguet e fez formação em Design para Sustentabilidade pelo Gaia Education Brasil. Estudou História da Arte na UFRJ e atualmente cursa Medicina Chinesa na ASBAMTHO (Associação Sino-Brasileira de Acupuntura Moxabustão e Terapias Holísticas). Praticante e aprendiz da agricultura urbana, acredita que a continuidade da existência da nossa espécie está ligada à observação, interação e regeneração com a natureza que habitamos e nos habita.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A coordenação editorial é de Victoria Mouawad e a editoração de Isabelle Passos.

Mais informações em selvagemciclo.com.br